

MEMÓRIAS DOS “MAIS ANTIGOS”: TECENDO ENVIRAS E MATAPIS PARA COMPREENDER AS IDENTIDADES CULTURAIS RIBEIRINHAS DO RIO SIRITUBA (ABAETETUBA-PA)

MEMORIES OF THE "ELDERLY": WEAVING TRAPS AND MATS TO
UNDERSTAND THE RIVERSIDE CULTURAL IDENTITIES OF THE SIRITUBA
RIVER (ABAETETUBA-PA)

MEMORIAS DE LOS ANCIANOS: TEJIENDO TRAMPAS Y ESTERAS PARA
COMPRENDER LAS IDENTIDADES CULTURALES RIBEREÑAS DEL RÍO
SIRITUBA (ABAETETUBA-PA)

Maria de Nazaré de Sousa Pereira¹, Diogo Jorge de Melo², Alexandre Augusto Cals e Souza³, Lidiane da Costa Monteiro⁴

DOI: 10.54899/dcs.v22i85.4125

Recibido: 01/12/2025 | Aceptado: 25/12/2025 | Publicación en línea: 29/12/2025.

RESUMO

O artigo tem o objetivo apresentar um olhar acadêmico e autoetnográfico para com a valorização das memórias e saberes dos *mais antigos*, da comunidade ribeirinha de Santa Maria do Sirituba (Abaetetuba, Pará). Compondo-se em uma pesquisa qualitativa de cunho teórico de bases bibliográfica e autoetnográfica, que busca compreender processos contemporâneos que vem descaracterizar as culturas ribeirinhas, que se encontram em fortes processos de transformações em suas realidades. Destaca que as narrativas dos *mais antigos* evidenciam características de uma identidade cultural ancestral da comunidade e se compõem como um processo mnêmico de resistência cultural e identitária. Por isso, propomos que as memórias dos idosos, por meio de suas narrativas, são um instrumental contra as colonialidades. Sugerimos aproximações destes processos como as escolas locais, proposição que corrobora para o fortalecimento das identidades locais. Permitindo que as futuras gerações tenham acesso aos saberes oriundo de sua própria comunidade.

Palavras-chave: Amazônia. Memória. Identidade. Cultura Ribeirinha.

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Cidades, Territórios, Identidades e Educação da Universidade Federal do Pará (UFPA), Abaetetuba, Pará, Brasil. E-mail: mnazape82@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-4309-7928>

² Doutor em Museologia e Patrimônio pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRO), Doutor em Ensino e História de Ciências da Terra pela Universidade Estadual de Campinas, (UNICAMP), Campinas, São Paulo, Brasil. E-mail: diogojmelo@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7266-2570>

³ Doutor em Educação - Currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC - SP), São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: alexandre@ufpa.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1424-5055>

⁴ Doutoranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC - RJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: lidianedacosta.monteiro@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5277-7298>

ABSTRACT

This article aims to present an academic and autoethnographic perspective on the valorization of the memories and knowledge of the elders of the riverside community of Santa Maria do Sirituba (Abaetetuba, Pará). Composed of qualitative research with a theoretical basis in bibliographic and autoethnographic studies, it seeks to understand contemporary processes that are distorting riverside cultures, which are undergoing strong transformations in their realities. It highlights that the narratives of the elders reveal characteristics of an ancestral cultural identity of the community and constitute a mnemonic process of cultural and identity resistance. Therefore, we propose that the memories of the elderly, through their narratives, are an instrument against colonialism. We suggest approaches to these processes such as local schools, a proposition that corroborates the strengthening of local identities, allowing future generations to access the knowledge originating from their own community.

Keywords: Amazon. Memory. Identity. Riverside Culture.

RESUMEN

Este artículo presenta una perspectiva académica y autoetnográfica sobre la valorización de las memorias y los saberes de los ancianos de la comunidad ribereña de Santa Maria do Sirituba (Abaetetuba, Pará). A partir de una investigación cualitativa con base teórica en estudios bibliográficos y autoetnográficos, busca comprender los procesos contemporáneos que distorsionan las culturas ribereñas, las cuales experimentan fuertes transformaciones en sus realidades. Destaca que las narrativas de los ancianos revelan características de la identidad cultural ancestral de la comunidad y constituyen un proceso mnemónico de resistencia cultural e identitaria. Por lo tanto, proponemos que las memorias de los ancianos, a través de sus narrativas, son un instrumento contra el colonialismo. Sugerimos enfoques para estos procesos, como las escuelas locales, una propuesta que corrobora el fortalecimiento de las identidades locales, permitiendo que las futuras generaciones accedan al conocimiento originario de su propia comunidad.

Palabras clave: Amazonía. Memoria. Identidad. Cultura Ribereña.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

TECENDO ENVIRAS NO RIO SIRITUBA

Nos momentos crepusculares às margens do Rio Sirituba, ditos localmente como *na boca da noite*, quando ainda era muito jovem, bem antes de completar meus 15 anos de idade, lembro que era costumeiro os *mais antigos*, tais quais, os meus avós, nos contarem diversas histórias, como causos acontecidos de visagens, de encantados e assombrações. Rememoro, que esses

também eram momentos em que me inteirava com os fatos decorridos na comunidade e as conversas agregavam outras diversas situações corriqueiras.

Dentre as inúmeras histórias que eram contadas por minha avó paterna, destaco uma em particular, que ainda reina em minhas memórias e a utilizarei para iniciar as reflexões provocativas que pretendo apresentar neste trabalho. Segundo ela, há muitos anos atrás morava nas redondezas em uma casinha simples uma senhorita com sua cadela. Destaco que, essa casinha narrada por minha avó, era feita de assoalho de paxiúba de açazeiro (*Euterpe oleracea*) e coberta com palha e paredes do *braço seco* da árvore do miritizeiro (*Mauritia flexuosa*). Suas paredes e janelas eram tecidas a partir de *enviras*, que são feitas tradicionalmente dos brotos das folhas desta mesma palmeira. Durante a noite, o pretendente da senhorita vinha cortejá-la, mas toda vez que ele chegava, a sua cadela latia muito e evidentemente demonstrava o quanto não gostava dele. Em uma certa noite, o rapaz disse que ela deveria se livrar da cadela, para que eles pudessem conseguir namorar em paz. A senhorita atenciosamente agiu conforme as orientações de seu amado e mandou sua cadela para uma casa vizinha, porém demasiadamente distante. No dia seguinte, logo que anoiteceu, o rapaz apareceu, e ao perceber que estavam sozinhos, ele revelou-se, transformando-se em uma criatura monstruosa e que imediatamente *deu cabo* da senhorita.

O tempo passou, e com ele se foram meus avós, me deixando saudades das nossas conversas, dos conselhos e das histórias que compartilhavam. Embora esses momentos não possam ser revividos, muitos deles permanecem vivos em minha memória. E com essas lembranças, percebo que hoje os idosos já não mais transmitem suas sabedorias às novas gerações, como decorria antes, e nesse processo destaco que, o respeito e a valorização de seus conhecimentos parecem terem sido diluídos na atualidade. Essas histórias, contadas por minha avó, hoje podem parecer um tanto quanto simplórias, mas me remetem a momentos de muito afeto, que aparentemente perderam-se diante das novas mídias que adentraram nas realidades ribeirinhas. Primeiramente tivemos o rádio, que trouxe aspectos da musicalidade, como a caribenha, e trazia notícias da existência de um mundo distante, depois veio a televisão, trazendo imagens do mundo e mais recentemente a internet, com os computadores e celulares, que carrega a falsa percepção que este mundo está ao alcance das mãos de todos.

Com isso, não quero fazer uma apologia contra a tecnologia, mas destacar que existiam muitos saberes nas falas desses mais velhos e que por meio delas aprendia muito nesses momentos de socialização. As histórias que minha avó falava, eram de mistérios amazônicos, que muitos podem chamar de crendices, mas essas narrativas eram apreciadas com muita atenção, como nos

narradores descritos por Walter Benjamin (1994), aquele que permanece em sua terra, conhece profundamente as tradições e histórias locais. Ele representa a sabedoria enraizada na continuidade e na oralidade. Esse narrador não é apenas alguém que vive no mesmo lugar, ele é um guardião da memória coletiva. Sua sabedoria não vem de livros ou de viagens, mas da convivência com a terra, também com as águas em nosso caso, com o tempo e com as pessoas ao seu redor. Ele representa uma forma de conhecimento que se constrói lentamente, passada de geração em geração, por meio da oralidade, dos rituais, das histórias contadas à beira do fogão ou nas rodas de conversa. Além disso, valoriza o saber que se transmite como um fio contínuo, onde cada história carrega um ensinamento, uma moral, uma forma de ver o mundo socialmente. No caso da história contada pela minha avó, ela alertava para perigos reais, como o de não ficarmos sozinhas e nem recebermos visitas, principalmente durante a noite. Lembro, que as casas ribeirinhas possuíam fácil acesso, e uma mulher solitária facilmente poderia ser violentada ou crianças serem facilmente raptadas. Aspecto doloroso, mas que é sabido fazer parte da realidade de muitas comunidades ribeirinhas, e o Rio Sirituba não era exceção.

Além desse aspecto, destaco que na narrativa existe um registro oral, que se perpetuava pela repetição, faz lembrar e assim registra, além de auxiliar na aprendizagem de um fazer ribeirinho. A história descreve a casa ribeirinha e narra como ela era produzida. Me refiro aqui no passado, não por essas tecnologias culturais já terem sido esquecidas, mas pelo fato de que, com menos frequência é visto este tipo de construção em nossa localidade. Esses contos são saberes pedagógicos, tecnologias ancestrais, e destaco que junto a esses e outros momentos de socialização familiar e grupal, escutava-se às histórias dos *mais antigos* e aprendia-se a tecer as *enviras* e *matapis*, dentre muitas outras coisas.

Destaco que, as pessoas na contemporaneidade estão imersas na tecnologia, e os ribeirinhos não estão distantes deste fato, pois as mídias digitais já fazem parte das comunidades ribeirinhas. Devo, no entanto, enfatizar que com essa ocorrência, muitos ribeirinhos distanciam-se de suas relações tradicionais locais e acabam por ignorar diversos aspectos relacionais com os seus territórios, que em meu caso, são demarcados pelo percurso do rio e seus furos. Consequentemente, as atenções sociais na contemporaneidade são postas para com as realidades exógenas, assim, as trocas sociais e culturais das comunidades são postas à parte findando na perda de sua importância, então, por consequência, deixando de existir.

Perde-se assim, as oportunidades de ouvir os conselhos dos *mais antigos*, de trocar conhecimentos, de aprender com suas experiências e a capacidade de preservar um conhecimento

valioso, que carrega a essência de ser ribeirinho. Da construção dos reconhecimentos identitários, para gerar empoderamento e podermos reivindicar e defender nosso lugar no mundo, com orgulho de sermos ribeirinhos, e conseguirmos assim nos defender, para não sermos engolidos por esses novos monstros, que vem bater à porta.

Com o apresentado, me ponho a refletir, o quanto será perdido se essas novas formas de viver persistirem sem aspectos de uma resistência local, principalmente da forma como estão dispostas na contemporaneidade nas comunidades ribeirinhas, gerando exclusão, competitividade e individualidade. Assim, questiono-me - o que acontecerá com a identidade cultural das comunidades ribeirinhas? Com isso, indago sobre o papel dos idosos para essas resistências, pois eles são as memórias vivas, e são eles que consolidam a identidade local. Por compreender que, a sua função social não é a de ficarem estáticos socialmente, sendo considerados inválidos, destinados à exclusão social e relegados ao esquecimento. Já que estes idosos muitas vezes são entendidos como indivíduos que só servem como estorvos, esperando os seus últimos suspiros. Em detrimento disso, a construção deste trabalho permeia um caminhar antagônico a esse processo, buscando bases de resistências identitárias de minha comunidade.

Tendo nascido e morado a minha vida toda no Rio Sirituba, uma localidade que se configura como um braço de rio de uma ilha de mesmo nome, localizada próxima à cidade de Abaetetuba no Estado do Pará, posso dizer que há quarenta e três anos vivo nessa localidade e ultimamente venho sentido a necessidade de uma retomada cultural que valorize os idosos e consequentemente seus saberes, para o fortalecimento de um sentimento de pertencimento comunitário. Uma questão de valorização da cultura ancestral, visto que tais valores vêm sofrendo transformações por conta de processos de transculturação ou de aculturação, conforme nos é apresentado por Pratt (1999). No caso da transculturação, quando duas culturas distintas entram em contato e influenciam-se mutuamente, um processo no qual ambas as partes se transformam e ressignificam aspectos culturais umas das outras. Já na aculturação, esse intercâmbio é desigual, uma cultura, geralmente a dominante, impõe seus valores, enquanto a outra adota elementos dela, podendo ter suas tradições absorvidas ou apagadas. Principalmente esse segundo processo, parece predominar na comunidade em questão. Influenciados pela cultura advinda das zonas urbanas da cercania, no caso, Abaetetuba e Belém, assim como pelos diversos avanços tecnológicos, a globalização e o capitalismo.

Tais questionamentos e percepções seriam as bases provocativas desta pesquisa, que fazem parte da base conceitual da dissertação em desenvolvimento no Programa de Pós-

Graduação em Cidades, Territórios, Identidades e Educação da Universidade Federal do Pará (Campus Abaetetuba), intitulada *Memória, Educação e Identidades Culturais dos “mais antigos” da comunidade ribeirinha de Santa Maria de Sirituba (Abaetetuba - Pará)*. Neste trabalho busco discutir como as memórias dos *mais antigos*, uma expressão local, utilizada para se referenciar aos idosos, contribuem para o conhecimento da formação identitária dessa comunidade na contemporaneidade, vide que elas já foram cruciais preteritamente.

Também extrapolo esse questionamento e avanço em direção ao universo educacional, já que sou professora há 17 anos em minha comunidade, para apontar algumas questões voltadas à educação ribeirinha e compreender, quais seriam as possíveis contribuições das memórias dos *mais antigos* para com a educação escolar local. Assim indago, se seria possível acioná-las junto às práticas educacionais escolares?

Este artigo metodologicamente se constitui em uma pesquisa qualitativa de cunho teórico e bibliográfico e pautado em processos da observação participante (Severino, 2013; Minayo, 2009; Gibbs, 2009). Aspecto que coaduna como acepções vinculadas a uma autoetnografia (Angrosino, 2009), pelo fato de fazer parte da comunidade ribeirinha em questão e por atuar nela como professora das séries iniciais e finais do Ensino Fundamental desde 2008. Por esse motivo, e por me apoiar em concepções relacionadas às questões da Memória Social, construo minha análise com base na compreensão de que os saberes, práticas e experiências coletivas sendo fundamentais para a preservação da identidade e consequentemente para uma leitura crítica das transformações vividas pela comunidade (Gondar, 2005). Tomamos a liberdade do uso da escrita em primeira pessoa do singular, apesar de ter sido produzido coletivamente. Destacamos que a primeira pessoa em questão, é a primeira autora do artigo.

Propomos assim, uma metodologia que se constitui a partir da analogia da produção das tecelagens que constroem os tramados das *enviras* e dos *matapis* produzidos no Rio Sirituba. Artesania que temos muito orgulho, e que é considerada notória dentre outras comunidades ribeirinhas da região. Aprendemos a tecer essas tramas, a fazer esses trançados, com os *mais antigos*, olhando, conversando e principalmente, escutando suas histórias. No processo de aprendizagem, muitas vezes erramos e recomeçamos, em outros momentos, apenas praticamos e aperfeiçoamos nossas técnicas. Neste percurso, socializamos e bebemos das sabedorias dos *mais antigos* e foi assim que aprendi a tecer as *enviras* e fazer os *matapis*. Justamente a partir deste processo, que construo a proposição metodológica aqui apresentada, pautada na socialização, na escuta e no aprendizado, visando futuridades para que um dia possa passar tal conhecimento para

meu filho e meus alunos, e me tornar uma *mais antiga*, uma ancestral. Houve erros, readequações e readaptações nos processos de pesquisa, para chegarmos aos resultados, assim, o trabalho se constitui em um processo experiencial e que aqui apresentamos algumas das bases teóricas condutoras deste processo.

Destacamos que, a pesquisa toma tramas tecidas por bases teóricas e discussões distintas, como as acepções de Antônio Bispo do Santos e outros autores contracoloniais (Santos *et al.*, 2022), que nos possibilitam compreender as relações entre escola, comunidades e sabenças. Assim como os aportes dos estudos culturais, principalmente a partir de Stuart Hall (1996), que nos auxilia na compreensão dos processos identitários. Destacamos autores decoloniais, dentre eles, Henrique Dussel (1992), Aníbal Quijano (2005) e Ramón Grosfoguel (2008), que abordam, a partir do pensamento decolonial, as transformações sociais, que ainda hoje são marcadas pelas influências do colonialismo eurocêntrico. Eles nos convidam a refletir sobre como muitas ideias, valores e estruturas sociais que consideramos *naturais* são, na verdade, construções históricas impostas durante o processo colonial.

O pensamento decolonial propõe justamente a desnaturalização desses discursos, ou seja, visamos questionar e desconstruir a ideia de que a visão de mundo europeia é universal ou superior. Em contraponto, buscamos valorizar saberes e experiências marginalizados, como as dos povos indígenas, negro-africanos e latino-americanos, que foram silenciados ao longo da história. Também adotaremos autores que nos dão suporte sobre as acepções da memória (Bosi, 1994; Candau, 2023), pois para estes, a memória é muito mais do que uma simples lembrança do passado, ela é um elemento vivo, social e profundamente ligado à identidade. Para compreender algumas questões ribeirinhas, nos aportamos em autores como Pires (2012), Neto e Furtado (2015) e Souza *et al.* (2017), para realizarmos interposições sobre os processos como o capitalismo e a globalização, que acabaram por impor um modelo de dominação colonial na contemporaneidade. Aspectos que impactaram e ainda impactam negativamente diversas culturas locais, por designar segregações e exclusões subalternizantes, que nos moldam como *cópias baratas* e descartáveis da cultura dominante.

Justamente contra esses processos de dominação que tecemos nossas *enviras* e fazemos nossos *matapis* metodológicos para instigarmos processos de resistências para como o território e maretórios⁵ do Rio Sirituba, construindo um embate provocativo e situado por um pensar

⁵ Esse conceito, conforme informações pessoais de Lucia das Graças Santana da Silva e Tamires de Figueiredo Pinheiro, se apresenta junto as mulheres das zonas costeiras do Pará, potencializando relações outros com universo das águas e do feminino. Como na localidade em questão se destaca a questão das águas e das marés, assumimos

crítico, voltado às identidades ribeirinhas da Amazônia, mais especificamente, um olhar advindo da Comunidade de Santa Maria do Rio Sirituba, localizada na região das ilhas de Abaetetuba (Pará, Brasil). Evidenciando que a integração desses conceitos é fundamental para entender como as narrativas e as memórias individuais e coletivas moldam e preservam as identidades culturais de uma comunidade, garantindo a transmissão de conhecimentos e a constituição de suas tradições, sendo elas perpassadas de geração em geração.

NAVEGANDO NO RIO SIRITUBA

Para adentrarmos nesse nosso navegar conceitual pelo Rio Sirituba, devemos compreender o que são os ribeirinhos, que se configuram em pessoas que vivem às margens de rios e igarapés, onde constroem as suas casas, que normalmente encontram-se voltadas às águas, que se configuram como verdadeiras *ruas naturais*. Compõem assim, um modo de vida especializado, marcado por uma relação profunda com o meio ambiente, principalmente com práticas agroflorestais, que são essenciais para sua subsistência, muitas vezes destinadas à comercialização (Pires, 2012). Suas atividades incluem práticas econômicas capitalistas, mas também iniciativas que auxiliam a preservação e a sustentabilidade dos seus territórios. Deste modo, o termo ribeirinho abarca diversas tipologias de populações tradicionais, incluindo pescadores, extrativistas e agricultores, que desenvolvem seus modos de vida a partir da importância dos rios, eixo central de sua existência (Santos, 2017).

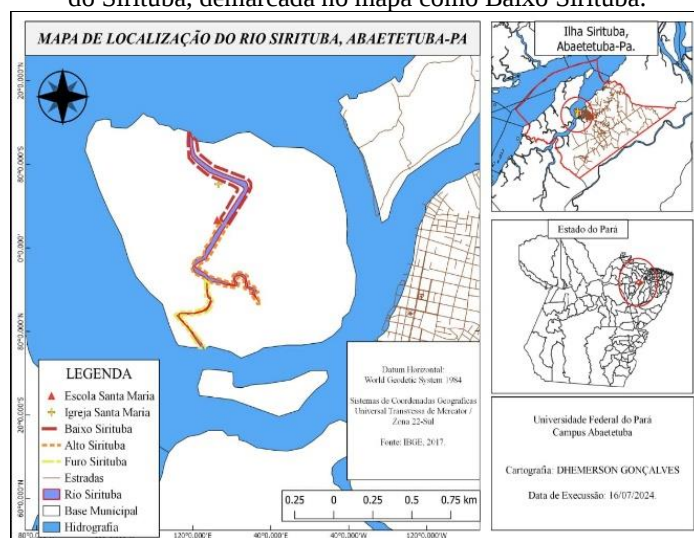
Os ribeirinhos do Rio Sirituba não são exceção, constroem suas casas sobre palafitas em solos de várzea, frequentemente inundados pelas marés, e a grande maioria de sua população depende diretamente da natureza para obter sua subsistência, porém, atualmente muitos possuem empregos nas cidades e cargos públicos. Entretanto, a grande maioria ainda vive da coleta do açaí, do miriti, dentre outros frutos, e da pesca do camarão e peixes. Devemos compreender que o rio não serve apenas como fonte de subsistência, ele é uma via de transporte, que designa um modo de vida, uma cultura própria, que se constituiu com influências indígenas e negras (Neto; Furtado, 2015).

O município de Abaetetuba está localizado no nordeste do Estado do Pará, às margens do Rio Marataúira, a 72 km em linha reta da capital, Belém. Sabemos que a localidade possui 72 rios, localizados em 22 ilhas, com uma população de aproximadamente 158.188 habitantes

também essa demarcação.

(IBGE, 2022). Compondo parte da região amazônica, Abaetetuba se destaca por sua vasta extensão territorial e pela rica diversidade cultural e ambiental, com diversas comunidades tradicionais, as quais se destacam diversas comunidades ribeirinhas na região das ilhas. Uma dessas ilha é a de Sirituba, onde localiza-se o Rio Sirituba, no qual encontramos em suas margens a comunidade ribeirinha de Santa Maria do Rio Sirituba (Figura 1).

Figura 1. Mapa de localização da Ilha Sirituba e do Rio Sirituba, onde se encontra a Comunidade de Santa Maria do Sirituba, demarcada no mapa como Baixo Sirituba.



Fonte: Gonçalves, 2024.

Com relação a comunidade de Santa Maria do Sirituba (Figura 2), ela é tradicionalmente dividida em três partes, conforme a Coordenação Católica local, que estabeleceu essa divisão para facilitar a identificação e distribuição dos moradores, sendo classificada em Alto Sirituba, Baixo Sirituba e Furo Sirituba. Separação que é usada na organização de tarefas comunitárias durante a preparação da festividade em homenagem à padroeira local, Nossa Senhora. Devemos destacar que, a população desta comunidade se encontra espalhada ao longo do rio e em algumas partes encontramos o que chamamos de vilas, que são agrupamentos familiares com diversas casas.

Figura 2. A) Vista do Rio Sirituba e algumas habitações locais. B) Agrupamentos de casas ribeirinhas, chamada de vila.



Fonte: arquivo pessoal, 2025

Com relação a religiosidade da comunidade, sabemos da predominância do catolicismo e que vem crescendo o número de protestantes. Existem diversas festividades, todas católicas, como a de Santo Antônio, São João Batista, Nossa Senhora de Nazaré e da padroeira local. Com relação às religiosidades afro-indígenas, como as umbandas e pajelanças, sabemos que existiam, no entanto, a transmissão destas tradições parecem ter se perdido com as novas gerações, fato que acreditamos ter decorrido na década de 1990. Sabemos por meio de relatos, que por volta dos anos 2000 existiam mulheres benzedeiras, parteiras e mães de santo, mas atualmente temos apenas o registro de uma benzedeira, que também é parteira. Fora ela, não conseguimos mais identificar essas práticas na comunidade que atualmente estão presentes apenas nas memórias dos *mais antigos* e de alguns membros da comunidade. Essas mulheres, assim como os *mais antigos*, tinham um status de sapiência e eram muito respeitados, seus conhecimentos eram valorizados.

Em relação a população da comunidade e a incidências dos *mais antigos*, temos os dados dos Agentes Comunitários de Saúde (ACS, 2024), que identificam que a comunidade de Santa Maria do Sirituba possui aproximadamente 237 famílias, os cerca de 784 habitantes, e deste montante, 53 seriam idosos, pessoas com idade acima de 60 anos, o que representaria uma porcentagem de 6,76% da população local. Um quantitativo que nos mostra as possibilidades tácitas para desenvolver questões relacionadas as memórias desses indivíduos. Um cenário que ressalta a possibilidade de preservação dos saberes identitários locais, pois a transmissão desses conhecimentos era feita por meio de experiências compartilhadas, como apresentado anteriormente. Aspecto ressaltado por Ecléa Bosi (1994), que destacou que as memórias de velhos se configuram como formas legítimas de conhecimento e resistência, profundamente ligadas à identidade, cultura e a história social.

Devemos por fim, destacar a Escola Municipal Santa Maria (Figura 4), localizada no Baixo Sirituba, que atende crianças do Maternal II até o final do Ensino Médio. De acordo com o seu Projeto Político Pedagógico (Abaetetuba, 2023), a iniciativa escolar surgiu em 1968, quando as aulas eram dadas nos barracões de festas e nas casas dos professores. Posteriormente, as aulas passaram a acontecer no barracão do Centro Comunitário da Igreja de Santa Maria. Foi só no dia 03 de agosto de 1996, que a escola foi oficialmente inaugurada, na gestão do prefeito Francisco Maués Carvalho, com duas salas de aula, uma cozinha e um banheiro. Atualmente a estrutura foi ampliada e a escola possui seis salas de aula e funciona nos turnos matutino e vespertino, atendendo da educação infantil ao ensino médio. Possui atualmente 193 estudantes, 129 da rede municipal e 64 da rede estadual de ensino, atendidos pelo Sistema de Educação Modular de Ensino (SOME). A escola emprega 15 docentes, dos quais 11 são moradores do Rio Sirituba e 04 residem em Abaetetuba, além de atualmente 04 professores do SOME, que não são moradores da localidade, advindos de Belém, Abaetetuba e Igarapé Mirí.

Figura 4. Escola Municipal Santa Maria. A) Vista da Escola a partir do rio. B) Entrada principal da Escola.



Fonte: arquivo pessoal dos autores, 2024 e 2025.

Conforme a minha experiência enquanto docentes da escola, posso dizer que sempre estamos em busca de adequações de nossas práticas pedagógicas de acordo com as necessidades dos discentes e as identidades locais. Consideramos assim, aspectos ambientais, econômicos e sociais para produzir propositivas educacionais com perspectivas que instiguem uma visão crítica sobre a sociedade, para nossos discentes se tornarem sujeitos atuantes e conhecedores de seus direitos e deveres enquanto cidadãos. Também defendemos uma concepção educacional voltada ao mundo do trabalho, com o objetivo de que os estudantes se qualifiquem profissionalmente, com remuneração digna. Muitos estudantes destacam o interesse em seguir as profissões tradicionais, como a de peconheiros, roçadores e pesca artesanal.

Diante desse panorama, acredito ser necessário envolver a escola no engajamento visando a valorização, divulgação e inclusão desses saberes, sendo essa uma estratégia que defendo ser inserida no currículo escolar, enfatizando as realidades do Rio Sirituba e as suas questões socioculturais. Já que, acreditamos que tais inserções e suas devidas práticas, permitirão que os discentes conheçam as suas culturas ancestrais, reconhecendo o seu território de pertencimento. Levantamos esta bandeira, para almejar a perspectiva de evidenciar e valorizar a importância dos *mais antigos* na formação identitária da comunidade e assim pensar estratégias que unam essa aceção aos processos didáticos pedagógicos do sistema escolar local.

TECENDO ENVIRAS E MATAPIS DIANTE DA GLOBALIZAÇÃO E DOS AVANÇOS TECNOLÓGICOS

As comunidades ribeirinhas possuem uma identidade cultural rica e profundamente conectada à natureza, da qual extraem os recursos necessários para sua sobrevivência. Suas práticas, embora possam ocasionalmente ter impactos ambientais, em geral, são sustentáveis e garantem o sustento das famílias. Vivem uma cultura de subsistência que utiliza os recursos naturais com responsabilidade, que preserva os ecossistemas e assegura a continuidade da vida para as futuras gerações. Segundo Toutonge *et al.* (2021), esse modo de vida reflete a importância das práticas tradicionais na manutenção do equilíbrio ambiental.

As comunidades ribeirinhas detêm um vasto conhecimento sobre a fauna, a flora e os fenômenos naturais, e esse saber influencia diretamente seus processos culturais transmitidos, em grande parte, pela oralidade. São causos, lendas, histórias de visagens e encantados, *potocas de pescador*, além de conhecimentos medicinais, engenharias populares, artes e artesanatos. Antigamente, nas margens do Rio Sirituba, era comum verem crianças, adolescentes e jovens reunidos ao redor dos mais velhos, ouvindo com atenção suas histórias de assombração e encantados. Também acompanhavam com entusiasmo as atividades do dia-a-dia, como a pesca com anzol, colocar matapi, lancear⁶, fazer camboa⁷, apanhar açai, plantar arroz, feijão, maxixe e cana-de-açúcar. As mulheres mais velhas ensinavam a fazer *abanos*, rasas, paneiros, *caroceiras*, peneiras e outros utensílios, e os jovens aprendiam com brilho nos olhos, encantados com cada

⁶ Tipo de pesca tradicional praticada pelos ribeirinhos, geralmente realizada nos igarapés ou nas margens dos rios, utilizando a rede de lancear para capturar os peixes.

⁷ Pesca tradicional praticada pelos ribeirinhos, realizada às margens dos rios, onde são utilizados os paris para a captura dos peixes.

detalhe. Hoje, esse encantamento tem sido substituído pelas telinhas dos celulares, redes sociais, joguinhos e mídias digitais. Se for perguntado a uma criança ou adolescente, o que é uma peneira ou um alguidar, talvez não saibam responder, mas se a pergunta for sobre *TikTok*, *Kwai* ou algum jogo de celular, a resposta vem na ponta da língua.

Embora essas sejam as práticas atualmente vivenciadas na comunidade, é fundamental reconhecer que as estruturas sociais, econômicas e culturais, por mais que pareçam sólidas e permanentes, estão em constante transformação. No mundo contemporâneo, marcado pela fluidez e pela instabilidade, essas mudanças são inevitáveis. Vivemos em um tempo de variações contínuas nas formas de organização social e nos modos de ser e agir, impulsionados pelas dinâmicas do capitalismo, pelos efeitos da globalização e pelas revoluções tecnológicas. Esses processos desafiam e reconfiguram identidades, valores e modos de vida, revelando que nada é fixo, tudo está em movimento, sujeito a transformações constantes (Santos, 2024).

Nesse cenário, as narrativas tradicionais das comunidades ribeirinhas enfrentam um grande desafio, a ausência de interlocutores. Afinal, para que a oralidade sobreviva é preciso haver quem conte, mas também quem escute. E as novas gerações, cada vez mais imersas nas telas dos celulares, nos jogos eletrônicos e nas redes sociais, têm se afastado desse papel de ouvintes. Como bem expressa Santos *et al.* (2022), “os nossos mais velhos também estão disputando com o celular” (p. 85). Diante disso, fica a pergunta: o que hoje atrai mais as crianças, adolescentes e jovens, as histórias de visagens e encantados contadas pelos mais velhos ou os vídeos curtos, os jogos digitais e os conteúdos das mídias sociais?

Nessa configuração os *mais antigos* são abandonados, isolados, até mesmo pelos próprios familiares, que cotidianamente se encontram atarefados em decorrência desse modo de vida perpetuado pela globalização, estão presos às novas tecnologias, que vieram junto com a energia elétrica, da qual destaco os aparelhos celulares. Ninguém mais consegue parar, se dar tempo para ouvir as histórias dos mais velhos, assim como contemplar as paisagens naturais e perceberem os impactos predatórios destas novas acepções civilizatórias que lhe são impostas. Atualmente, os jovens estão *viciados* nas mídias digitais, passam a maior parte do tempo na frente das telas de celular, televisão, tablets, recebendo informações, principalmente *fakes news*. Estão crescendo e tendo uma identidade propícia a virtualidade, fantasiosa e incoerente com as suas realidades.

Não mais se reconhecendo com os lugares onde estão inseridos, os ribeirinhos parecem assim, habitarem outro planeta, um lugar virtual aparentemente sem futuro. Lembro que o virtual se opõe ao atual como nos explica Pierre Levy (1996), e nesse caso, normalmente não se destacam

as potencializações, mas sim projetivas de processos de alienação. Nessas circunstâncias, como estes sujeitos vão ser futuramente? Qual serão as suas identidades, diante dos seus territórios e maretórios?

Contextualizamos que tais processos se configuram no Brasil, uma nação constituída pelos vieses da colonização, onde os povos originários foram e são submetidos a dita cultura hegemônica, aculturações de um sistema mundo que se constitui em um monologismo epistêmico ditado pelas colonialidades (Walter, 2003; Quijano, 2005; Grosfoguel, 2008; Krenak, 2022). Sabemos que o mercado globalizado, capitalista, manipula as pessoas que agem de acordo com suas intenções manipulativas. Estamos vivenciando um período que se constitui pela ganância, destruição ambiental e pela acumulação de riquezas, para isso, destroem e exploram tudo e todas as formas possíveis de existência (Dussel, 1993).

Milton Santos (2024), nos evidenciou como os comportamentos ocasionados pela globalização impulsionam a disseminação de informações nas redes comunicacionais, vendendo falsas verdades, por vezes com discursos progressistas, quando não, alienadores. Considera que os avanços tecnológicos possibilitaram uma comunicação quase instantânea, porém com a falsa ideia de igualdade entre todas as pessoas, o que tendenciou a ideia de uniformização e destruição de acepções culturais. Aspecto, que por um lado, promove a democratização da informação, mas por outro exacerba desigualdades e desinformações.

Rememoro que, quando criança, o principal meio de transporte no Rio Sirituba era a canoa ou *casco* a remo. Também se utilizava a vela para acelerar os percursos mais longos, como do Rio Sirituba até a cidade de Abaetetuba, meio de transporte também utilizado na pesca artesanal. Com o tempo, essas embarcações foram sendo substituídas por barcos motorizados, mas como o custo desses barcos era elevado, poucas pessoas podiam adquiri-los. Recentemente, temos a comercialização dos motores menores, o das *rabetas*, que se tornaram mais acessíveis devido ao seu custo menor. Com isso, a maioria das pessoas da comunidade já possuem um motor em suas pequenas embarcações, mas esse processo resultou em um aumento considerável da poluição sonora, o que substituiu a calma que antes existia na localidade. Ruídos que afetaram a pesca e provavelmente contribuem para a erosão das margens dos rios em virtudes dos constantes *banzeiros*.

Destacamos que as formas de dominação coloniais não desapareceram com o término das administrações coloniais dos países subordinados, persistindo nas esferas econômicas e políticas, as quais perpetuam desigualdades e injustiças sistêmicas (Grosfoguel, 2008). Um entendimento

crucial, que “exprime uma constatação simples, isto é, de que as relações de colonialidade nas esferas econômicas e políticas não findaram com a destruição do colonialismo” (Grosfoguel, 2008, p. 99).

Diante dessas novas maneiras de organização dos espaços e comportamento das pessoas, que se moldaram as imposições do sistema mundo, as identidades culturais locais, como a das comunidades ribeirinhas. Estas vão sendo aculturadas sem que esses indivíduos se deem conta, perante essas circunstâncias, cabe à escola o papel de atuar de maneira decolonial ou contracolonial em prol desses saberes, intencionando a valorização destas identidades, reconhecendo, preservando e difundindo esses conhecimentos ancestrais.

ESCUTANDO E CONTANDO HISTÓRIAS NO E DO RIO SIRITUBA

A memória possui a capacidade de armazenar informações adquiridas ao longo da vida do indivíduo, incluindo sensações, emoções, experiências trágicas e aspectos culturais. Informações armazenadas no cérebro, especificamente nas conexões entre os neurônios, que é a habilidade de armazenar e recuperar informações não aleatórias (Candau, 2023, p. 21). Essa organização é responsável por possibilitar que as experiências, emoções e conhecimentos adquiridos ao longo da vida, sejam registrados e acessados quando necessário.

Dessa forma, a memória permite que o ser humano possa reviver ou imitar uma ação comportamental vivida, por meio das rememorações, que possibilitam o despertar de emoções através das reminiscências dos fatos acontecidos em sua trajetória de vida (Pomiam, 2000). Essas memórias podem ser lembradas ou surgem em nossas mentes de forma esporádicas, por meio de estímulos externos que as ativam. Indicando que nossas lembranças não estão apenas passivamente armazenadas, elas podem ser reativadas por elementos do ambiente, possibilitando seus dinamismos. Elas não são apenas um ato individual, mas uma construção social, que nos conecta com o nosso passado e com as pessoas.

É surpreendente como até o cheiro ou som podem nos trazer lembranças de algo que já se sucedeu. Eu quando ando de canoa, nas *marés de lanço* (marés cheias) e vejo sementes de seringueiras flutuando na água, lembro de uma história de minha mãe. Ela conta que quando criança com sua irmã, pegavam *mãos-de-judas*⁸ e iam para o rio coletar sementes de seringueira

⁸ Pequeno cesto artesanal, com formato de cone, confeccionado com talas do miritizeiro. Utilizado para coleta de sementes como as da seringueira, andiroba e ucuuba.

para vender.

Quisera eu que todas as lembranças pudessem ser registradas, escritas e se tornassem um documento histórico, estando elas vinculadas a diversos saberes de um lugar e que conseguíssemos acessá-las. Para isso, teríamos que ter excelentes narradores, aqueles que as interpretassem e as transformassem em narrativas. Infelizmente não temos as memórias documentadas e nem esse arquivo de todos os saberes, mas temos os nossos *mais antigos*, que sempre estão dispostos a compartilhá-las conosco. Devemos acessá-las, isso é, escutar para que partes delas entrem em nossos corpos por meio de nossos sentidos, principalmente os ouvidos, para que saibamos que um pouco de seus saberes e experiências agora façam parte de nós. Como nos lembra Melo, Faulhaber e Rangel (2024), saberes milenares vêm sendo preservados por via da oralidade.

Narrar é uma arte, assim como escutar, conforme Walter Benjamin (1994), poucas pessoas conseguem realizar narrativas com excelência, limitando-se apenas a contar os fatos como aconteceram. Narrar é apresentar e representar fatos e ideias com detalhes - “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (Benjamin, 1994, p. 201). O ato de narrar, em minha concepção enquanto ribeirinha, se constitui em um ato de amor, de viajar em lembranças, em mundos imaginários.

Neste aspecto, Santos *et al.* (2022) enfatizou que os idosos são agentes que servem de alicerce para as tradições e as lógicas locais. Visto que os indivíduos mais velhos, foram trabalhadores que contribuíram e podem contribuir com a sociedade. Quando um idoso falece, sem que seus saberes sejam perpassados, as identidades culturais se empobrecem e se enfraquecem, muito é perdido, morre junto com ele parte de nossas culturas.

Cito como exemplo minha avó paterna, que fazia parte da religiosidade denominada Umbanda. Ela já é falecida, e com ela se perderam muitos de seus saberes medicinais, rituais e místicos, os quais conduzia com tanta devoção. Apenas alguns filhos dela ainda guardam vivas algumas dessas lembranças. Lembro, ainda criança, de presenciar alguns desses rituais, reuníamo-nos em círculo, sentados no chão, bem no centro da sala. Sua filha caçula, que também era sua ajudante, preparava cuidadosamente os elementos sagrados: cachaça, tabaco, cachimbo e um fogareiro de carvão, onde eram colocados alecrim e alfavazema. Antes de tudo começar, a ajudante conduzia a defumação, espalhando no ar o perfume das ervas. Em seguida, minha avó também se purificava na fumaça aromática, num gesto de preparo espiritual. Então, ela se dirigia

à porta da casa, onde fazia uma oração. Quando voltava, já não era mais ela, estava incorporada com um de seus encantados.

O espírito se manifestava no corpo da minha avó, iniciando com um cântico, cada entidade tinha o seu, me lembro da Cabocla Mariana, do Preto Velho e do Caboclo Flecheiro, entre outros cujos nomes o tempo levou. Assim que o espírito se manifestava, minha avó começava a cantar e andar ao redor do salão. Quem conhecia a canção se juntava a ela, em um momento de união, devoção e respeito. Ao final do cântico, o espírito se dirigia com educação à sua ajudante, sempre começando com um *boa noite*, para em seguida perguntar o que havia para beber e para fumar. Então lhe servia uma cuia com cachaça e lhe entregava o cachimbo. Após beber, acendia o cachimbo com serenidade e começava a conversar, respondendo nossas perguntas com a naturalidade de um amigo. Ao final se despedia e partia, dando lugar a uma nova incorporação que reiniciava um ciclo de incorporações.

Esse aspecto cultural familiar se perdeu, não existe mais em nossa comunidade e mesmo que essa religiosidade seja reintroduzida, não será mais a mesma tradição, que se esvaiu e foi esquecida. Nenhum dos filhos(as) de minha avó seguiram esse caminho, especulo que por medo da incorporação ou preconceito, devido ao racismo religioso. Ressalto que minha avó não gostava de fazer essa obrigação, só realizava quando era necessário. Talvez seja pelo fato de não querer aceitar a mediunidade ou simplesmente por sofrer algum tipo de preconceito ou não conhecer a importância da sua religiosidade para a identidade cultural local.

Outra lembrança que compartilho, se reporta a algumas noites tranquilas, quando o céu já começava a escurecer. Sentados em volta de uma mesa, tomando café, nos reuníamos em família para escutar os relatos dos meus pais. Eles contavam que, antigamente, as casas ficavam bem distantes umas das outras, espalhadas pelo mato, como se guardassem segredos. Eram construções feitas com o que a terra oferecia, as estruturas vinham do açazeiro, da paxiúba, com telhados coberto pelas largas folhas da palheira. As paredes, por sua vez, eram construídas com os *braços secos* da árvore do miritizeiro, tecidos com *envira seca*. Tudo era feito com as mãos, com a sabedoria advinda dos *mais antigos* e em sintonia com o ritmo da natureza. Poucas casas eram feitas de *madeira* serrada e cobertas com telhas e alvenaria.

Hoje em dia, percebo que isso tudo ficou no passado. As casas da comunidade são feitas, em sua maioria, de madeira com telhados de telha, e algumas já são de alvenaria. Não encontro mais quaisquer daquelas casas de antigamente, como se tivessem sido levadas pelo tempo, deixando apenas lembranças e histórias contadas, que em poucas gerações nem mais serão

lembradas.

Retomando a nossa discussão central, apesar de vivermos na contemporaneidade com os avanços da tecnologia, da globalização, do acesso inesgotável as informações em nível mundial, estamos perdendo muitas outras informações, saberes irreparáveis, que não se encontram interconectadas nas redes sociais as quais as inteligências artificiais não conseguem acessar. Por isso nos somamos ao pensamento de Dussel (1993) e reivindicamos a necessidade de libertação cultural, onde as culturas oprimidas possam recuperar e reafirmar suas identidades, resistindo à dominação e exploração impostas pelas culturas hegemônicas. Dessa forma, uma das maneiras mais eficazes de perpetuar ou conhecer os saberes culturais de uma comunidade, é através da escuta das narrativas dos idosos. Anciãos que são guardiões da cultura, de um passado que se preserva em suas memórias, permitindo a compreensão de um presente que foi modificado e transformado pela influência dos diversos processos de aculturação.

Na contemporaneidade, a memória tem um papel crucial na formação da identidade, pois é através da recordação de eventos passados que as pessoas e as comunidades constroem um senso de pertencimento, lembrando que as identidades culturais não são fixas, mas são constantemente reconstruídas através da interação entre a memória coletiva e as experiências vividas e históricas. De acordo com Stuart Hall (2022), acreditava-se que as identidades eram estáveis, no entanto atualmente são percebidas como fragmentadas, provisórias, variáveis e problemáticas. São complexas e constantemente remodeladas por distintos processos sociais, tornando-se menos fixas e mais suscetíveis a mudanças e influências externas.

Por isso, é essencial valorizar as identidades culturais das comunidades ribeirinhas, suas ancestralidades, culturas, saberes e tradições. Para garantir que não sejam extintas, para que sejam valorizadas, visibilizadas e registradas. Dessa forma, as futuras gerações poderão conhecer a origem de suas culturas e perpetuar fatos ancestrais de seus locais de pertencimento. Aspecto essencial à preservação da ancestralidade e da identidade cultural dessa comunidade.

Nesse contexto, a escola assume um papel primordial, que vai além de ensinar conteúdos curriculares ou campos de experiência. Para as comunidades ribeirinhas, ela é a responsável pelo fortalecimento da cultura local. É nesse espaço de troca de saberes que as tradições, os conhecimentos e as histórias ganham vitalidade. Contrapondo-se a um mundo onde as identidades parecem cada vez mais dispersas e fragmentadas, a escola se torna guardiã da memória, fortalecendo o sentimento de pertencimento entre crianças e jovens. Quando eles se reconhecem nas histórias contadas, nos saberes compartilhados e nas celebrações culturais, sentem orgulho

de suas raízes e do lugar onde vivem.

DEPOIS QUE AS ENVIRAS E OS MATAPIS SÃO TECIDOS

A comunidade ribeirinha do Rio Sirituba, carrega em suas práticas cotidianas uma sabedoria ancestral profundamente enraizada, principalmente em suas relações com a natureza. Os antigos moradores, por meio de técnicas herdadas de gerações passadas, utilizavam recursos como as *enviras*, fibras vegetais extraídas do miritizeiro, para construir suas casas, redes, peconhas e bonecos. Também confeccionavam matapis, armadilhas para camarão feitas com talas do jupatizeiro e cipó, revelando uma engenhosidade que transcende o simples ato de sobreviver, trata-se de uma verdadeira tessitura cultural. Esses saberes, transmitidos oralmente e vivenciados no cotidiano, constituem uma identidade coletiva que está sendo ameaçada pelas transformações da contemporaneidade. A globalização, o avanço tecnológico, o consumo desenfreado de informações, por vezes falsas, e a valorização de uma cultura eurocentrada, urbanizada, têm contribuído ao apagamento das tradições locais. Nesse cenário, os idosos, guardiões da memória e da ancestralidade, enfrentam o desprezo na era digital, sendo silenciados e substituídos por telas que não conhecem o cheiro da mata nem o som do rio.

Diante dessa realidade, torna-se urgente reconhecer que a preservação da identidade cultural ribeirinha é um ato de resistência. A escola, nesse contexto, assume um papel transformador, não apenas como espaço de ensino formal, mas como território de escuta, registro e valorização dos saberes locais. Ao incluir no currículo institucional as práticas ancestrais, como o fazer do paneiro, o uso das *enviras* e a construção dos matapis, a escola consegue combater as colonialidades e fortalecer o sentimento de pertencimento dos jovens à sua comunidade. Inspirados por pensadores como Stuart Hall, Enrique Dussel e Walter Dignolo, compreendemos que as identidades são fluídicas e moldadas por contextos históricos. Por isso, é fundamental que a educação promova o reconhecimento dessas identidades em suas múltiplas expressões, garantindo que a memória dos povos ribeirinhos não se perca em um mundo supostamente global, cada vez mais virtual e desconectado de suas raízes. Valorizar a cultura ribeirinha, que na maioria das vezes, encontra-se apenas nas lembranças e narrativas dos idosos é, portanto, mais do que uma ação pedagógica, é um gesto político, ético e de amor. É assegurar que as futuras gerações conheçam, respeitem e perpetuem os saberes de seus antepassados, mantendo viva a dignidade,

a história e a alma de um povo que aprendeu a viver em harmonia com o maretório, com a floresta e com a memória.

REFERÊNCIAS

ABAETETUBA. **Projeto Político Pedagógico**. Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Santa Maria, Rio Sirituba, 2023.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: **Magia e Técnica, Arte e Política - ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras escolhidas, volume I, 2ª edição, São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória: Ensaio de Psicologia Social** / Ecléa Bosi. – São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRASIL. **Declaração Universal sobre a Identidade e Cultura**. UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Documento da Unesco publicado em 2002.

BRASIL. MDS. **Nota Informativa nº 05/2023**. Envelhecimento e o direito ao cuidado. Secretaria Nacional da Política de Cuidados e Família. Governo Federal, Brasil. Dezembro, 2023.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade** / Joel Candau; tradução Maria Letícia Ferreira. – 1. ed., 9ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2023.

CESÁIRE, Aimé (1913-2008). **Discurso sobre o colonialismo**/Aimé Cesáire. Tradução de Cláudio Willer. Ilustração de Marcelo D'Saete. Cronologia de Rogério de Campos. - São Paulo: Veneta, 2020.

DUSSEL, Enrique. **1492: o encobrimento do outro**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**/Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996 (coleção leitura).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. – 71 ed.- Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos**/ Graham Gibbs; tradução Roberto Cataldo Costa; consultoria, supervisão e revisão técnica desta edição LoríViali. - Porto Alegre: Artmed, 2009.

GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (orgs.). **O que é memória social**. Rio de Janeiro: Editora UNIRIO, 2005.

GROSFOGUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e Colonialidade global. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 80, 2007, p.115-147.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 2006.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2022.

LEVY, Pierre. **O que é o virtual**. São Paulo: Ed. 34, 1996.

MELO, Diogo Jorge; FAULHABER, Priscila; RANGEL, Thayron Rodrigues. A Biblioteca de Ifá e suas contribuições para o pensamento decolonial e informacional. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 28, n. 3, p. 1–17, 2024.

MIGNOLO, Walter de. **Histórias locais/Projetos globais**: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

NETO, Frederico; FURTADO, Luciana Gonçalves. A ribeiridade amazônica: algumas reflexões. *Cadernos de Campo* (São Paulo - 1991), São Paulo, v. 24, n. 24, p. 158-182, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v24i24p158-182>. Acessado em: 7 julho de 2025.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução Yara Aun Khoury. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História**, São Paulo, n. 10, dez. 1993 (publicado em 2012). Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acessado em: 5 novembro de 2024.

PARÁ. Governo do Estado. Secretaria de Estado e Meio Ambiente e Sustentabilidade. **Decreto nº 1.066, de 19 de junho de 2008**. Dispõe sobre a regionalização do Estado do Pará e dá outras providências. Belém, PA: SEMAS, 2008. Disponível em: <https://semas.pa.gov.br/legislacao/files/176938.pdf>. Acesso em: 10 de junho de 2025.

PIRES, Ângela Monteiro. **Educação do campo como direito humano**. São Paulo: Cortez, 2012. – (Coleção em direitos humanos; v. 4).

POMIAN, Krzysztof. Memória. In: *Enciclopédia Einaudi: Sistemática*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, v. 42, 2000.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império**: relatos de viagem e transculturação. Bauru, SP: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1999.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder: a formação do eurocentrismo como padrão de poder mundial por meio da colonização da América. **In: Colonialidade do poder:** a formação do eurocentrismo. Buenos Aires: CLASCO, 2005.

SANTOS, Antônio Bispo dos, **et al. Composto escola:** comunidades de sabenças vivas. São Paulo: N-1 edições, 2022.

SANTOS, Milton, 1926-2001. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal/Milton Santos. – 37. ed. – Rio de Janeiro: Record, 2024.

SEVERINO, Antônio Joaquim, 1941. **Metodologia do trabalho científico** (livro eletrônico) /Antônio Joaquim Severino. 1. ed.- São Paulo: Cortez, 2013.

SOUZA, Dayana Viviany Silva de; VASCONCELOS, Maria Eliane de Oliveira; HAJE, Salomão Antônio Mufarrej (Orgs). **Povos Ribeirinhos da Amazonia:** educação e pesquisa em dialogo. Curitiba: CRV, 2017. 396 p.

TOUTONGE, Eliana Campos Pojo et al. **Saberes das águas na Amazônia:** conhecimentos tradicionais, processos educativos e culturais de ribeirinhos. - 1. Ed.-Campinas, SP. Pontes Editores, 2021.